

UM PAÍS PREPOTENTE

(Jornal do Brasil – 16/10/2003)

Quem lê a Constituição americana fica encantado com os princípios lá estabelecidos. Um texto de apenas 7 artigos permanece há 216 anos regendo os destinos daquela grande nação. Somente 26 emendas foram promulgadas nestes mais de 2 séculos, sendo que as 10 primeiras correspondem a 10 artigos de direitos fundamentais (“Bill of Rights”).

Os fundadores da pátria –todos de um idealismo indiscutível e de sólido conhecimento filosófico— deram formatação jurídica aos Estados Unidos que ainda hoje provoca admiração aos que lêem seus escritos ou os textos legais produzidos.

Quem compara o que idealizaram, os pais da pátria estadunidense para seu país e para o mundo, com a mediocridade prepotente de seu atual limitado e inculto presidente, que destruiu uma nação árabe, a partir de mentiras convenientes e de falsas provas, por mera questão de vendeta paterna ou obsessão filial, resta estarrecido como os ideais daqueles fantásticos pensadores foram enterrados por este “cowboy”, eleito em duvidosas circunstâncias.

Li o livro de Sérgio D`Ávila (documentário fotográfico) sobre o Iraque, antes e depois da destruição americana (Diário de Bagdá). É doloroso verificar o que um presidente sem escrúpulos pode provocar, gerando uma universal antipatia a seu povo, que, se não fosse por ele, mereceria respeito e admiração das outras nações, pelo que fez na 2ª. guerra mundial e pelo impulso, que permitiu a recuperação da Europa, representado pelo Plano Marshall.

Não percebeu, o Presidente Bush --hoje declarado inimigo das nações árabes-- que a presença americana no país que aniquilou, para “descobrir” inexistentes armas de destruição em massa ou supostas ligações com o terrorismo (jamais Saddam daria armas aos terroristas, como disse o General Clark, por receio que pudessem ser utilizadas contra ele), é indesejada, já que, da mesma forma que os norte-americanos não gostariam de ter tropas iraquianas em seu território, os iraquianos não querem lá tropas norte-americanas. Mais do que isto, os valores e a cultura da civilização árabe são diferentes daqueles da nação norte-americana, razão pela qual é impossível enlatá-los em modelo pré-fabricado nos ranchos do Texas, refúgio permanente do presidente americano.

Com o Brasil, o Presidente americano não tem sido mais hábil. Não tolera a liderança brasileira. Por representar uma nação mais rica e mais forte, não admite oposições. Quer a Alca livre para os produtos e serviços onde os Estados Unidos são competitivos e fechada para aqueles onde não o são. E, sabendo ser o Brasil metade da América Latina em nível de mercado e de tamanho, tudo faz para isolá-lo, retaliando-o com a concessão de benesses e promessas sedutoras para os países menores, que poderiam ser aliados brasileiros. É tão aético –como já demonstrou ser nas eleições que ganhou, apesar de ter tido menor número de votos que seu opositor, ou nos métodos condenáveis usados para produção de inverdades que não comoveram a ONU— na condução das negociações da ONU, que chegou, um de seus subordinados, a dizer que o Brasil os decepcionou por querer discutir, em uma “Alca abrangente”, os escandalosos subsídios agrícolas americanos e suas imorais sobretaxas, que incidem sobre produtos de países considerados “não colaboradores”.

Sem a ONU e contra a decisão da ONU, invadiram o Iraque. Por defenderem o protecionismo medieval da agricultura americana, inviabilizaram a reunião de Cancun com o apoio da União Européia, também ultraprotecionista no que não é competitiva. Por não quererem abrir mão dos privilégios agropecuários, estão retaliando o Brasil e inviabilizando a Alca. E, como na fábula do lobo e do cordeiro, passam para o Brasil a responsabilidade do fracasso, dizendo que estão decepcionados em virtude de não nos submetermos ao “Senhor do Mundo”.

Convenço-me, por admirar a nação norte-americana, que ela é muito maior que seu minúsculo presidente. Tem ele, todavia, a força do cargo e de presidir 32% do PIB mundial e um imbatível exército montado com tecnologia muito superior a de todos os outros países menos desenvolvidos. É, de rigor, o único país com armas de destruição em massa.

Deste embrião hitlerista, não deve o Brasil esperar senão tratamento corrosivo e cada vez mais deletério. Minha esperança é que os inúmeros interesses dos norte-americanos no Brasil, aqui legitimamente instalados, e a consciência da nação norte-americana não reconduzam o histriônico chefe para mais um mandato, para o bem dos Estados Unidos e da humanidade. Caso contrário, num mundo à deriva, o imprevisível presidente poderá complicar as alternativas de convergência e de paz de que o mundo está tão necessitado. Vale a pena observar.

